



● RES*EN*HA

O TESTEMUNHO NA LITERATURA: REPRESENTAÇÕES DE GENOCÍDIOS, DITADURAS E OUTRAS VIOLÊNCIAS, DE WILBERTH SALGUEIRO

Márcia Moreira Custódio*

Composta por uma seleção cuidadosa de textos bastante sintonizados entre si em torno da tarefa de estudar a questão do testemunho, em seus graus variados, a obra *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*, publicada em 2011 pela Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, traz, em suas 243 páginas, estudos de diferentes obras, de maneira a contribuir com os estudos críticos contemporâneos que discutem esse conceito. “Nos estudos, cada vez mais numerosos, que se destinam a investigar as relações entre ‘testemunho e literatura no Brasil’, é nítida a escassez de pesquisas que relacionam ‘testemunho e poesia’” (p. 10), assim contextualiza e expõe a fundamentação do livro, Wilberth Salgueiro, o organizador da coletânea. Ampliando o recorte, o livro traz para o debate não só textos em versos, como também o enriquece com análises de relatos e romances, brasileiros e internacionais. Nesse sentido, dentro de um princípio de organização estrutural que, a cada página, conduz a sucessão de textos de modo equilibrado e rigorosamente planejado, a obra se configura em 15 artigos, divididos em duas seções. A primeira, trazendo o título “Testemunho em verso”, conta com oito artigos que analisam textos em versos; e sua segunda seção, “Testemunho em narrativa”, aborda sete artigos estendidos à compreensão do testemunho em alguns textos em prosa.

Situando o leitor no campo do testemunho, com o texto crítico de Jaime Ginzburg “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”, o livro traz uma atualização historiográfica do debate crítico sobre testemunho na literatura. O texto de Ginzburg articula reflexões extensivas para além da origem desses estudos, trazendo a palco as questões éticas e estéticas envolvidas nesta discussão, compreendendo que, ao contrário da estetização da política, o testemunho aponta para a politização da estética.

* Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) – Vitória – ES – Brasil. E-mail: marciamcustodio72@gmail.com

Abrindo a primeira seção composta de oito artigos, intitulada “Testemunho em verso”, Marli Siqueira Leite apresenta seu trabalho “O ‘teor de testemunho’ em ‘Graciliano Ramos’: poema de João Cabral de Melo Neto”. Calcada no pensamento do filósofo Theodor Adorno, a pesquisadora analisa o poema de Cabral, buscando identificar aspectos que definem “teor testemunhal”, considerando nesse conceito critérios desenvolvidos em estudos de Márcio Seligmann-Silva e Wilberth Salgueiro.

Entendendo ser a obra *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, “resultado artístico à opressão” (p. 50), Rodrigo Leite, com o artigo “Poema sujo: o testemunho final”, enquadra o livro na categoria analítica de testemunho, uma vez que seu assunto trata “da representação dramática do sofrimento a que o homem pode ser jogado pelas forças políticas e de como lhe resta, no momento-limite, somente a palavra como arma nessa luta desigual” (p. 50). Nessa intenção, o pesquisador mostra a trajetória de escrita da obra, contextualizando-a no bojo das histórias políticas de ditadura na América Latina entre os anos 1960 e 1970. Marcando um tempo de censura e opressão, “lembrar para não esquecer”, afirma o articulista, “parece ser o objetivo central de Poema sujo” (p. 59).

Por seu turno, Bruno Guedes Pinto investiga, com o artigo “Chacal e a gargalhada ilegal afinal: humor sob a égide do trauma”, a relação entre dor e humor no poema “Gargalhada”, da obra *Muito prazer Ricardo*. Apontando o caráter paradoxal da gargalhada de Chacal, demonstra que o poema pode ser tematizado em seu aspecto social, cuja tonalidade nervosa provém do “canto da sala”. Numa relação intrínseca com o testemunho, o estudo esclarece que essa risada ressalta duas faltas, a do trauma e a do ser falante.

Numa voz poética urgente, a poesia behriana vem a palco no artigo “Lirismo e testemunho na poesia de Nicolas Behr”, de Evaldo Figueiredo Dória Júnior. Alguns poemas examinados pertencem às obras *Laranja seleta*, *Poesília: poesia pau Brasília e Braxília revisitada*, destacando “a ideia de encarceramento, de asfixia” (p. 86), cujo testemunho é uma reflexão sobre a cidade de Brasília, em sua arquitetura, poder e desmandos. A relação entre catástrofe e representação se configura na análise do poema “O HORROR, O HORROR”, quando o articulista liga o horror dos campos nazistas à morte do menino descrito no poema. É assim que Evaldo vai dizer que a poesia de Behr “sente necessidade de testemunhar, além de tudo, sobre a morte ou a entrega do outro à morte” (p. 91).

O estudo “Na outra margem do Ipiranga: o preço do progresso numa lição de Cacaso”, de Nelson Martinelli Filho, discute o testemunho do período da ditadura militar no Brasil. São escolhidos sete poemas de Cacaso, “bem unidos e amarrados”, sendo o de última análise o “PRÉ-HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA PERIFÉRICA OU/ NINGUÉM SEGURA ESSA AMÉRICA LATINA /OU OS IMPOSSÍVEIS HISTÓRICOS OU/ A OUTRA MARGEM DO IPIRANGA” que representam o protesto “da poesia marginal, registros da vida nos idos dos anos setenta” (p. 101).

Em “Memória da ditadura em Raul Seixas”, Vitor Cei Santos, partindo da crítica do pensador Theodor W. Adorno no que tange à arte e à indústria cultural, ressalta que, dentro do que o pensador frankfurtiano designou como “regressão da audição” da sociedade administrada, as músicas de Raul Seixas encontram “um meio de comunicação rápido e eficiente para cultivar um diálogo profícuo entre o artista e o grande público” (p. 106). Os temas irreverentes das canções de Raul Seixas, ressalta o crítico, testemunhavam o moralismo da sociedade conservadora que vivia indiferente diante das barbáries de sua época.

Dois estudos percorrem os poemas de Paulo Leminski, “Versos e ruínas: o Brasil na poesia de Paulo Leminski”, de Lucas dos Passos e Silva, e “Poesia versus barbárie – Leminski recorda Auschwitz (a lua em luto)”, de Wilberth Salgueiro. No primeiro artigo a pesquisa evolui em torno da tensão entre poesia e história no contexto de desenvolvimento da poesia marginal no Brasil, identificando o teor testemunhal da ditadura nas poesias de Leminski desde a década de 1960. Já o estudo de Wilberth permite compreender a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, a partir da interpretação do haicai “lua à vista / brilhavas assim / sobre auschwitz”, do livro *Distraídos venceremos* (1987), do poeta curitibano. O crítico articula com as teorias de Adorno, Jeanne M. Gagnebin e Seligmann-Silva um detalhado estudo dos vocábulos do haicai, de sorte a promover a fratura entre “lua” e “Auschwitz”, numa relação direta da última palavra com “o sentido histórico – catastrófico – que carrega e deflagra no leitor” (p. 148).

Dos sete estudos que compõem a segunda seção do livro, dois vão refletir sobre a construção do testemunho da barbárie após o Golpe Militar de 1964 na obra *O que é isso companheiro?*, do jornalista e escritor Fernando Gabeira. Em ambos, a problemática da ditadura no contexto Brasileiro corresponde a um assunto inacabado da história. Paulo Roberto Alves de Carvalho, em “A literatura de testemunho como instrumento de resistência no romance *“O que é isso companheiro?”*”, mostra que em sua narrativa marcada pelo solilóquio Gabeira inclui “as instituições contrarrevolucionárias como promotoras do trauma” (p. 157). Nas palavras de Thiago Goulart Ferreira de Oliveira, em “Os cacos em Gabeira”, “a necessidade de compreender os fatos, ou seja, de alcançar a clareza daquilo que (se) viveu é uma maneira de livrar-se do trauma ocorrido” (p. 176).

No artigo “As chamas na missa (Luiz Guilherme Santos Neves): a resistência por meio da paródia”, Isabela Basílio de Souza Zon observa que na linguagem da obra metaficcional *As chamas na missa* “a paródia assume a função de uma ferramenta crítica” (p. 182), assumindo, dessa forma, um caráter de resistência. Nessa medida, ao questionar os discursos em que se apoiavam o poder da Igreja Católica e o poder do Estado, a ficção de Neves se configura em testemunho da barbárie imposta pelo regime inquisitorial.

“Estação Carandiru de Dráuzio Varella: a representação testemunhal do sistema carcerário”, artigo de Emanuela Pazini Fernandes, coloca em destaque o tema do cárcere. Compreendendo tratar-se da representação das estruturas sociais e ideológicas como sociedade alternativa cuja ordem é mantida pelos próprios detentos, a pesquisadora vê emergir nas histórias curtas do livro *Estação Carandiru* um narrador transmissor dos testemunhos de prisão (p. 193).

O trabalho de Aline Prúcoli de Souza, “O ano de 1993: uma fronteira entre a ficção e o testemunho em José Saramago”, investiga o apelo social presente na prosa poética *O ano de 1993*, do autor português. Sua análise permite compreender que a escolha do maravilhoso nessa narrativa não aconteceu de forma gratuita. É pelo fantástico que se desenvolverá o testemunho trágico dos dias da ditadura portuguesa salazarista, dando à violência uma dimensão extratemporal. Prevalece nesta obra saramagueana, conclui o artigo, o registro de desabafo.

Vendo em *É isto um homem?*, de Primo Levi, o depoimento pessoal de uma situação impessoal, Márcia Regina Cogo Viali busca no artigo intitulado “Primo Levi – o relato da dor entre cicatrizes e silêncio” mostrar que o testemunho do sofrimento nos campos de concentração deve ser rememorado, “para que as gerações futuras tenham conhecimento da catástrofe” (p. 226).

O último texto, “Ressonâncias do trauma: considerações sobre identidade nas ‘máscaras’ de *Maus*, de Art Spiegelman”, de Felipe Vieira Paradizzo, analisa *Maus*, uma *graphic novel*. O autor do artigo explica que Spiegelman coloca “de forma imagética a barbárie das discriminações e da produção de estereótipos na Europa de Hitler” (p. 231), utilizando um caminho que passa pela sua identidade judaica.

Esta breve visão de conjunto permite constatar que o livro *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências* amplia o campo de pesquisa e de reflexão aos interessados na investigação da literatura de testemunho. Visto que a abordagem da violência e sua relação com questões políticas e sociais alimentam o debate crítico contemporâneo, o livro constitui-se, de imediato, rico material de pesquisa e de reflexão sobre a questão da barbárie na história do Brasil.

Recebido em junho de 2015.
Aprovado em junho de 2016.

SALGUEIRO, Wilberth (Org.).

O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências.

Vitória: Edufes, 2011. 243 p.